

2008/06/05

## ISLAMISMO RADICAL E JIHADISMO EM MARROCOS (I PARTE)

José Vale Faria

Durante décadas considerou-se que Marrocos era um território imune ao jihadismo terrorista que eclodia noutros espaços geográficos muçulmanos e, também, fora do mesmo. Os atentados de Casablanca, em 2003, e Madrid em 2004, despertaram-nos abruptamente do sonho: os seus autores, na sua maioria, eram marroquinos de procedência social e de formação profissional e intelectual muito díspares. Esta breve análise visa descrever a componente marroquina do anel operacional da Al-Qaeda, que está a rodear e a ameaçar a Europa, tendo como fonte principal um excelente trabalho de Mohamed Darif, Professor Catedrático de Ciências Políticas, na Universidade Hassan II de Mohamedia, em Marrocos.

### Situação Geral

O Magrebe[2] tornou-se uma área de crescente instabilidade, por diversos motivos, destacando-se actualmente, as dificuldades nos processos de transição para a democracia, o lento desenvolvimento das suas economias, com algumas nuances entre cada um dos cinco países e, por último, o aparecimento de correntes islamistas fortemente implantadas na região. A isto podemos acrescentar o elevado crescimento demográfico operado nas respectivas sociedades e um certo grau de resistência ao analfabetismo – elevado na Mauritânia e Marrocos, moderado na Argélia e Líbia e um pouco menor na Tunísia.



Relativamente a Marrocos, os seus problemas domésticos derivam, em grande parte, da sua política interna, porquanto foi o apoio inadvertido do estado às fontes ideológicas do islamismo radical que lançou as bases para a vaga do moderno terrorismo marroquino. Durante a década de 1980, o Estado incentivou a importação da corrente mais literal, rigorosa e inflexível do Islão, a doutrina Wahhabita[3], para contrariar a crescente ameaça do islamismo político, preservar os seus enormes privilégios e perpetuar o poder, porquanto, a monarquia tinha todas as razões em olhar favoravelmente esta corrente salafista, que advoga o puritanismo e despreza a modernidade.

A mais proeminente figura desta corrente foi Fqih Zamzami de Tânger, um grande orador, cujos sermões contra a imoralidade, a injustiça e a corrupção na década de 1970 e 1980, tiveram um enorme impacto entre os descontentes. Embora amplamente saudado como um crítico da decadência, Zamzami, apesar de destemido, tinha cuidado em não ultrapassar os limites da liberdade de expressão, fixados pela monarquia, ou desafiar a ordem existente. Mas isso, não significava que as suas declarações e pronunciamentos, não tivessem conotações e objectivos políticos. As suas prédicas visavam a prossecução de um ethos social de liderança “moral” capaz de influenciar os titulares do poder, a moderar as suas tendências autoritárias, corruptas e imorais.

Esta nova forma de salafismo importado diferia significativamente do salafismo marroquino, compreendido entre 1925 e 1954, personificado por Allal al-Fassi, líder religioso e nacionalista do Partido Istiqlal (Partido da Independência, de matriz nacionalista e conservador) que defendia a identidade árabe e islâmica de Marrocos, contra os ataques do colonialismo europeu e da “heresia” do sufismo[4] e eremitismo, através da promoção da ortodoxia das escrituras. Isto girava principalmente em torno da famosa injunção islâmica de “al-amr bil-ma ruf wa-nahyu “ani al-munkar” (impondo o que é bom e proibindo o que é condenável). Esta obsessão com a boa conduta dos indivíduos, teve eco em amplos sectores da população, essencialmente pobre e que vivia nos subúrbios sobrelotados, na sua maioria menosprezados pelo estado e com poucos ou nenhuns serviços públicos básicos, tais como água, electricidade, telefone, instalações escolares ou sanitárias.[5]

Ideologicamente, as formas marroquinas do Islão, oficiais e populares, são incompatíveis com a doutrina wahhabita. No entanto, por motivos políticos e financeiros, Marrocos, permitiu que personalidades religiosas sauditas financiassem grande parte das 35.000 mesquitas do reino, em Tânger, Casablanca, Fez, Salé, Marraquexe e Tétouan. Segundo Antoun Basbous, que já investigou o

financiamento saudita de instituições religiosas em Marrocos, 70% das mesquitas em Casablanca, foram construídas com dinheiro saudita e, em cada mesquita, formaram-se redes de missionários, dirigidas por emires, apelando aos muçulmanos para se juntarem à jihad no estrangeiro (Afeganistão, Bósnia ou Chechénia), invocando o princípio de "impor aquilo que é justo e proibir o que condenável", no seu próprio país. Só mais tarde, após os atentados suicidas em Casablanca, as autoridades marroquinas perceberam o poder que possui este princípio religioso.[6]

O princípio de "impor o correcto" (al-amr bil-ma "ruf)

Os grupos políticos islâmicos no Médio Oriente e no Norte da África, quer por força das pregações religiosas através da dawa pacífica (proselitismo), ou através do derrube violento da autoridade pela jihad[7], justificam a criação do al-dawla al-Islamiya (Estado islâmico) ao abrigo do princípio de al-amr bil-ma "ruf. A dimensão e o significado moral deste princípio na legitimação de protesto dos movimentos islâmicos na região passaram despercebido para a maioria dos analistas. Apesar de os líderes islâmicos denunciarem frequentemente as desigualdades sociais e a pobreza, é num contexto mais amplo, de impor o bom e proibir o imoral, no qual legitimam a sua acção política. Apresentam-se como guardiães de toda a ordem moral, e não simplesmente da igualdade económica e da justiça social.[8]

O preceito de Al-amr bil ma "ruf, pode ser interpretado como uma obrigação de cada muçulmano para censurar qualquer comportamento imoral, corrigindo-o de imediato, e se necessário, recorrendo ao uso da força. Muitos muçulmanos que não compartilham, necessariamente, a interpretação literal do Alcorão (o livro sagrado dos muçulmanos) que fazem os grupos islâmicos radicais, contemplam esta fórmula como uma fonte de despotismo religioso, anarquia e violência, assim como, autoriza qualquer muçulmano a corrigir aquilo que aos seus olhos pode ser condenável. Este factor, está a tornar-se uma questão, particularmente sensível, nos países em que os grupos islamistas têm um amplo apoio popular e aumentam os ataques a pessoas que não se adaptam, ou cumprem, o que prescreve a sharia[9](lei islâmica).[10]

A intolerância religiosa

A denúncia formal das autoridades marroquinas da manipulação política que os extremistas fazem da religião, é hipócrita. Desde a independência, a monarquia e as autoridades públicas têm manipulado a religião para legitimar o poder político, desacreditando os movimentos liberais e de esquerda, assim como, reproduz relações ideológicas de dominação. A Constituição, a legislação, as políticas educacionais e a administração da esfera religiosa de Marrocos, contribuíram fortemente para a disseminação da intolerância religiosa. Uma das principais consequências é a ausência de debate formal, sobre o papel da religião na vida pública e na eliminação de qualquer esforço para reformar o Islão. A educação religiosa e os conteúdos da mesma são, arcaicos e sujeitos a manipulação ideológica. Nos manuais escolares abundam as referências religiosas violentas e polémicas (como o conceito de jihad, ridda[11], kuffar[12], ghazw[13], etc.), como se o Islão fosse essencialmente uma religião de guerra e ódio, assim como, é raro encontrar o oposto, ou seja, qualquer indício positivo de outras religiões monoteístas, assim como, não contém qualquer referência à história pré-islâmica de Marrocos.[14]

Este cenário, permaneceu durante vinte e cinco anos, entre 1974 e 1999, enquanto Marrocos teve como Ministro dos Assuntos Religiosos, Abdelkebir M'Daghri Alaoui, muito próximo dos Irmãos Muçulmanos e que favoreceu a expansão do islamismo, pela sua atitude permissiva e laxista para com os radicais, a introdução de manuais escolares com a apologia de postulados ultraconservadores e ainda por não censurar os sermões radicais que circulavam livremente por todo o país em cassetes vídeo. Gustavo de Aristegui, refere que o radicalismo islamista, não se havia instalado de uma forma tão sustentada no reino, como desde a queda do império almóada, o que poderá ser relacionado, com a afirmação da identidade nacional, após a independência em 1956, acentuando-se a importância do Islão para o país, perfeitamente legítima, se fossem tomadas cautelas e medidas preventivas contra a penetração de ideologias radicais.

Em 1979, foi criada a licenciatura em Estudos Islâmicos, para tentar aumentar o controlo sobre os líderes religiosos, mas sem êxito. Ao invés, estes novos licenciados (cerca de 30.000, a que se juntaram os alunos, formados pelas mais de 500 escolas teológicas espalhadas pelo reino) vieram agravar a situação, porque eram demasiados para serem absorvidos pelo mercado, o que os converteu em desempregados qualificados e muito propícios a serem arrastados pelas ideias mais radicais, utilizando o Islão como uma forma de protesto contra o que eles percebem, como um poder político corrupto e injusto.[15]

Durante as décadas de 1980 e 1990, esta onda de fundamentalismo político, puritano, e conservador, beneficiou muito com a globalização e o aumento de alienados, gerados pelas

dolorosas políticas económicas e financeiras, dos programas de ajustamento estrutural, promovidas pelo Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial. Neste ambiente o salafismo[16]wahhabita demonstrou ter capacidades em manipular slogans, gerar situações e adaptá-los aos seus objectivos, usando redes de fachada ou mesquitas temporárias, consolidando desta forma, a sua capacidade para divulgar a sua ideologia e operar nos subúrbios das grandes cidades do reino. Mas ao contrário das imagens populares, do senso comum, o suporte ideológico do moderno jihadismo marroquino, assenta essencialmente, num conjunto multidisciplinar de intelectuais, políticos e tendências ideológicas, do que no proclamado pela doutrina, Salafista Wahhabita. O fenómeno da Salafiya Jihadiya[17] pode ser entendido, pela mistura da tradição saudita, de militância wahhabita agressiva e da ideologia revolucionária do egípcio, Sayyid Qutb. Esta fusão do Wahhabismo com a ideologia proclamada por Qutb começou com a guerra contra os soviéticos, gerando a “mentalidade de jihad” que teve um profundo impacto sobre o contingente de mujahedin[18] marroquinos no Afeganistão.[19]

Em termos organizacionais, podemos considerar a existência de dois níveis no salafismo marroquino: por um lado os seguidores dos seus clérigos e ideólogos, entre os quais se incluem os xeques Abu Hudeifa (Ahmed Rafiqi), Abu Hafs e Hassan el Kettani, que foram doutrinados por alguns dos mais destacados representantes do Salafismo internacional como os sauditas Ibn Al Baz, o xeque Al Bani ou o xeque Al Hawali. No segundo nível, situam-se as células violentas, activas, principalmente em centros urbanos, como Casablanca, Salé, Tânger, Tétouan, Nador ou Meknès, tendo esta última um notável activismo nos últimos anos. Estes grupos e células combinam o uso da violência - diária contra apóstatas e ocasionalmente, em confrontos contra membros das forças de segurança – com actividades de delinquência comum.[20]

#### Análise sócio-política do reino

O espectro sócio-político da região, segundo os padrões ocidentais, é angustiante, especialmente se olharmos para os seus regimes políticos, desde uma monarquia teocrática em Marrocos, a ditadura Líbia, o regime autoritário de partido único na Tunísia, o directório militar na Mauritânia e um sistema multipartidário controlado pelo partido dominante na Argélia.[21] Em 1993, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) urbano, colocava Marrocos em 95º lugar, num total de 174 países analisados e relativamente ao IDH rural, situava-se em 9º lugar, num universo de 141 países. Em 2001, Marrocos desceu para 126º neste ranking, em que, aproximadamente, 19% dos 29 milhões de marroquinos, viviam abaixo do limiar de pobreza, fenómeno essencialmente rural (25% da população) e cerca de 50% da população era analfabeta. Estas assimetrias, entre zonas rurais e urbanas, são similares em matéria de desemprego,[22]havendo mesmo, alguns líderes que falam em choque de civilizações, no interior de Marrocos.[23]

O centro de estudos norte-americano, PEW Center for the People and the Press, publicou em Março de 2004, um estudo de opinião que analisou a opinião pública, um ano após o derrube de Saddam Hussein, tendo como amostra, oito mil cidadãos de nove países. Em Marrocos, foram realizadas 1000 entrevistas, a adultos com idades compreendidas entre os 18 e os 59 anos, em zonas predominantemente urbanas (Rabat, Casablanca, Fez e Marraquexe) entre 19 e 24 de Fevereiro de 2004. Algumas das perguntas que compunham o estudo incidiram sobre a tolerância religiosa, na atitude para com os judeus e os cristãos e a justificação moral do uso da violência para fins políticos.[24]

As conclusões sobre o inquietante avanço do islamismo radical nos quatro países islâmicos escolhidos, dois árabes (Jordânia e Marrocos) e dois não árabes (Paquistão e Turquia) são muito reveladoras. Dos marroquinos entrevistados, 45% disse ter uma opinião favorável ou muito favorável, acerca de Bin Laden, 60% apoiava os atentados suicidas contra as tropas da coligação ocidental no Iraque. Mas o mais surpreendente do estudo foi a elevada percentagem de marroquinos que afirmavam ter má opinião dos cristãos (e não só do ponto de vista religioso, porque no mundo islâmico muitas vezes os termos «cristão» e «ocidental» são considerados equivalentes), 73% dos entrevistados tem uma opinião muito desfavorável, e apenas 2% revela uma opinião muito favorável. O nível de repúdio dos judeus é ainda maior: 92% declara ter uma opinião muito desfavorável, e apenas 1% muito favorável, sendo de longe, o maior nível de repulsa dos quatro países islâmicos onde se realizou a sondagem. Marrocos ultrapassa, no seu nível de repulsa, o Paquistão (bastião jihadista), no qual as percentagens são de 62 e 80%, respectivamente. Estes indicadores devem servir de aviso para a comunidade internacional em geral e a Europa em particular, pois é em Marrocos que os níveis de repulsa, relativamente aos cristãos e ao Ocidente, mais cresceu e são mais elevados, o que poderá ter consequências, potencialmente muito graves, para a estabilidade de Marrocos e da região, que é do máximo interesse para a Europa e sobretudo para a Península Ibérica.[25]

#### Génese da organização radical

Marrocos assiste ao nascimento, em 1969, da primeira organização religiosa, inspirada pelo islamismo radical que preconiza a violência: a Shabiba Islamiya (Juventudes Islâmicas), fundada por Abdelkrim Muti era constituída por dois vectores - o predicador e o militar, sendo Abdelaziz Nuamani o responsável por este último. Em 1981, Abdelkrim Muti, separou-se para criar um novo grupo militar, designado Facção de Combate. Em 1984, Nuamani fundou um novo grupo - a Organização dos Combatentes Marroquinos. Entretanto, a Facção de Combate fracassou em duas ocasiões, quando tentou executar atentados em Marrocos nos anos de 1983 e 1984, factos que motivaram Muti a renunciar definitivamente à violência. Por seu lado, na sequência do desaparecimento de Nuamani de cena em 1984, a Organização dos Combatentes Marroquinos interrompeu a sua actividade. Embora estas organizações continuassem a manobrar no interior de Marrocos, alguns ex-militantes da Shabiba Islamiya, entre eles, Abdelilah Ziyad, fundaram em 1993, na Europa, outra organização radical islâmica, designada “O Movimento Islamista Combatente” que actualmente, é o grupo de maior actividade.

No entanto, continua a ser muito difícil compreender as estruturas, a liderança e o grau de implantação deste grupo no país, pelo que, os observadores apenas têm sido capazes, de formular hipóteses e interrogações sobre o grupo. Na realidade, a questão é saber se estamos perante um grupo que está em gestação, ou antes, uma organização acabada antes de começar a trabalhar. Qual é o alcance de cada uma das designações atribuídas a este grupo, muitas vezes chamado Grupo Islâmico Combatente, outras, Grupo Marroquino Armado, às vezes Grupo Islâmico Armado e ainda Grupo Combatente Marroquino? Que significado pode ser atribuído a estes diferentes recursos? Será que a realidade desta organização é muito complexa ou que os seus dirigentes são mestres na arte da astúcia e da dissimulação?[26]

Os antecedentes da sua criação foram o caos organizativo e a submissão cega, factores determinantes no processo que conduziu à criação da organização, estando o primeiro, intimamente ligado à presença dos combatentes marroquinos no Afeganistão e o segundo, relacionado com a nova estratégia adoptada por Bin Laden após a tomada do poder pelos estudantes islâmicos no Afeganistão.[27]

A presença de combatentes marroquinos no Afeganistão pode ser estabelecida em três fases fundamentais:

(1) Uma primeira fase, entre 1979 e 1989, no decurso da primeira guerra contra a União Soviética. Durante este período, milhares de árabes afluíram ao Afeganistão (quase vinte mil), sendo a sua maioria proveniente, do Egipto, da Argélia e dos países do Golfo. Os marroquinos não eram muito numerosos e apenas começaram a aderir à causa afegã, precisamente em 1989, nos finais do conflito, integrando na sua maioria, organizações humanitárias. Entre os primeiros a chegar, encontram-se Ahmed Abdallah Tbarek e Rafiki, cujo apelido é Abou Hudaifa.

(2) A segunda fase situa-se nos anos de guerra civil, entre 1989 e 1996. Este período é caracterizado pelo crescimento de animosidade dos combatentes afegãos contra os árabes, a quem acusam, de obstruir a reconciliação nacional. Esta fase também é caracterizada, pela pressão imposta pelo governo paquistanês, instando-os a abandonar a sua base, em Peshawar[28]. Perante esta situação, os combatentes árabes deslocaram-se para o Lémen, a partir de 1992, facto que ficaria designado por “fluxo de árabes afegãos”.

(3) A terceira fase começa com a subida ao poder dos taliban[29], em 1996, e o regresso de Osama bin Laden ao Afeganistão. Este período é caracterizado pela presença crescente de operacionais marroquinos no Afeganistão, vindos directamente de Marrocos e que ficaram deslumbrados com a propaganda religiosa dos talibãs, optando por ficar definitivamente no “Emirado Islâmico”.[30]

Em 1996 Bin Laden regressou ao Afeganistão, com a intenção de transformar este país num feudo revolucionário que poderia derrubar vários regimes árabes e islâmicos, considerados corruptos, injustos, ímpios e apóstatas. Para alcançar este objectivo, selou uma aliança estratégica com o poder taliban, tendo em 1998, prestado juramento de fidelidade ao Mullah[31] Omar e, decidiu reestruturar a organização, no sentido de a tornar mais coesa e de acordo com a nova estratégia, porque os árabes afegãos partilhavam uma visão diferente e só foram unidos por uma causa: a guerra contra a União Soviética. Neste período Bin Laden assume-se energeticamente Salafista e Wahhabita, assegurando o apoio incondicional do regime do Mullah Omar que é absolutamente Wahhabita, tendo este decidido impor, até mesmo aos árabes afegãos, a submissão a Osama bin Laden. Para os árabes afegãos, o ano de 1998 foi marcado por um duplo juramento de fidelidade, um ao Mullah Omar e outro a Bin Laden.[32]

O corolário da homogeneidade e coesão, promovido por Bin Laden, foi o conceito de “verdadeiro muçulmano”, que é essencialmente Salafista (Wahhabita). Este conceito define a pessoa que



pratica a jihad, mas não contra si próprio ou contra Satanás, mas principalmente contra os inimigos, ou seja, a luta armada. Com esta definição podemos compreender por que razão os salafistas, criticam duramente, as organizações islamistas que defendem uma mudança pacífica e utilizam a participação política como estratégia, assim como, criticam duramente, todas as organizações que só defendem a luta armada como um último recurso. Esta estratégia de Bin Laden, baseada em organizações de âmbito “local”, foi perceptível porque este não se limitou a ser o líder dos árabes afegãos, desejando liderar a Salafiya Jihadiya, levando a que deste modo, os seus seguidores se designassem salafistas do mundo árabe-muçulmano e da Europa. Desta forma, foi delineada uma fronteira clara, entre o salafismo e a corrente dos árabes afegãos.[33]

No início dos anos noventa, do século passado, veteranos marroquinos regressados do Afeganistão criaram a rede Salafiya Jihadiya[34], liderada então por doze elementos, incluindo Mohamed el Fezzazi[35] em Tânger, Omar Hadouchi em Tétouan e Zakariyya Miloudi em Casablanca. Em Setembro de 2002, estimavam-se em cerca de 400 militantes activos, na rede, dispostos ao martírio, como viria a acontecer, em Maio de 2003 em Casablanca. Zakariyya Miloudi foi considerado o líder supremo da rede, até à sua prisão em Agosto de 2002, incentivando os seus seguidores, na prossecução de acções violentas, contra os agentes das forças de segurança, traficantes de droga e alcoólicos.[36]

Em 23 de Fevereiro de 1998, Bin Laden anunciou a primeira «declaração de guerra contra os cruzados e os judeus»[37], num período em que o movimento Salafista já estava muito forte, em vários países, onde existiam organizações locais operacionais. No âmbito da nova estratégia, o combate substitui a jihad, seguindo o exemplo do Grupo Islâmico Combatente Líbio ou do Grupo Salafista para a Predicação e o Combate na Argélia[38]. O interesse levantado pela criação de organizações de âmbito local motivou o grupo líbio a recrutar combatentes salafistas marroquinos sedeados na Europa, como prelúdio para a criação de um grande reagrupamento magrebino. O processo que se iniciou no final da década de oitenta, do século passado, finalmente deu origem, ao Grupo Islâmico Combatente Marroquino (Al Jamaa al Islamia Al Moujahida Fi Al Maghrib, daqui em diante GICM). [39]

[1] Major de Infantaria da Guarda Nacional Republicana. Licenciado em História.

[2] Magrebe, designação que decorre da expressão “Al-Maghrib” “a terra do poente” em relação ao território da Arábia – região que se situa entre o Oeste do vale do Nilo e o Oceano Atlântico – inclui Marrocos, Argélia, Líbia, Mauritânia e Tunísia. Sampayo, Mariana, Magrebe Árabe: uma unidade possível, Porto, Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Novembro 2000, pág. 13.

[3] WAHHAB: o «purificador» da fé - Muhammad ibn Wahhab pode ser considerado o primeiro «fundamentalista» moderno. Era um negociante de camelos, de Uyaynad, próximo de Meca, na antiga província otomana de Hejaz, actual Arábia Saudita. Depois de ter estudado no Iraque e na Pérsia, Wahhab instalou-se em Meca, onde pregou que os Otomanos e seus colaboradores tinham «usurpado» o lugar dos guardiões da Caaba e se «tomaram pagãos». Wahhab via-se a si próprio como um defensor da purificação da religião e de um regresso às tradições da escola sunita Hanbalita, rejeitando o hanafismo dos Otomanos. Começou então a propagar a sua versão austera do Corão às tribos da Arábia que vinham em peregrinação a Meca. Em pouco tempo ele conseguiu juntar um pequeno, mas dedicado, grupo de wahhabitas. Capturou o quartel-general do governador da cidade e assassinou-o, destruindo os depósitos de vinho que ele guardava em caves. Procurou depois formar uma confederação tribal, começando com uma importante aliança com Abdel Aziz ibn Saud, o emir da região de Nedj, no Centro da Arábia. A aliança consolidou-se à maneira tradicional, com o casamento de Wahhab, pouco antes da sua morte, em 1787, com uma filha de Ibn Saud. A liderança do movimento wahhabita passou assim para Ibn Saud e o seu clã. Em estado de permanente rebelião com os Otomanos até conquistarem toda a península arábica e proclamarem o reino da Arábia Saudita (em 1934), foram estes que impuseram a versão hanbalita da Shari 'a. Hoje, o wahhabismo é a fonte de legitimidade da família no trono em Riade. Lopes, Margarida Santos, Dicionário do Islão, Lisboa, Editorial Notícias, 1ª edição, Fevereiro de 2002, pág. 170.

[4] SUFISTA é o «relativo ou pertencente ao sufismo» segundo José Pedro Machado, em Grande Dicionário da Língua Portuguesa. Sufi é uma palavra árabe e deriva de outra, suf, com o significado de lã, numa referência ao vestuário dos primeiros ascetas islâmicos. Um sufi é um místico muçulmano que baseia o seu misticismo no Corão. O islamólogo francês Dominique Sourdel descreve o sufismo como «movimento autenticamente muçulmano, apesar das influências que sofreu ao longo da sua evolução». Apoia-se numa tendência corânica e posta de lado pelo Islão oficial, e tende a desenvolver os valores espirituais implicados pelo dogma, mas não incluídos na sua formulação. O reconhecimento da onipotência divina absoluta requer, observa Sourdel, a prática de virtudes morais, tais como a aceitação confiante do decreto divino (tawakrol). Além disso, o Corão prescreve ou recomenda diversas formas de ascese, que permitem ao homem purificar o seu

coração a fim de aceder ao agrado mútuo entre Deus e a alma. Esta «aproximação» de Deus estimula uma tendência mística, apoiada na existência de uma comunicação prévia entre Deus e a criatura e fortalecida por um amor recíproco entre Deus e o homem. Exponentes deste misticismo islâmico são Hassan al-Basri (séculos VII-VIII), Al-Bistami (século IX), Al-Halladj (séculos IX-X), Ibn al-Arabi (século XIII) e Jalal al-Din Rumi (século XIII). Estima-se que três por cento dos 1200 milhões de muçulmanos pertençam a esta corrente mística, cujas confrarias estão implantadas na Ásia, Europa e África. LOPES, Margarida Santos, op. cit., pp. 154-155.

[5] Boukhars, Anouar, «The Origins of Militancy and Salafism in Morocco», in The Jamestown Foundation, Terrorism Monitor, Vol. 3, n.º 12, Washington, 17/06/2005, acessível

em [http://www.jamestown.org/terrorism/news/article.php?issue\\_id=3373](http://www.jamestown.org/terrorism/news/article.php?issue_id=3373), consultado em 07/05/2008.

[6] Maghraoui, Abdeslam, Tras la conexión terrorista marroquí: políticas estatales y wahabismo saudí, in Real Instituto Elcano, área: Defensa y Seguridad/Terrorismo Internacional, ARI N° 63/2004 de 07/04/2004, consultado em 14/05/2008 e acessível em

<http://www.realinstitutoelcano.org/wps/wcm/connect/resources/file/ebd6cc4a6614394/ARI-63-2004-E.pdf?MOD=AJPERES>.

[7] JIHAD: esforço da alma ou guerra santa – A palavra jihad deriva da raiz trilítera J-H-D (de onde provém também a palavra muJaHiDin), segundo a explicação de Fernando Branco Correia, do Gabinete de Estudos Árabes do Departamento de História da Universidade de Évora. Pode significar «esforçar-se por», «batalhar», «aplicar-se», mas também «ir ao limite do possível, não excluindo, porém, a possibilidade de haver luta. Adalberto Alves, em Portugal e o Islão - Escritos do Crescente, também salienta que, etimologicamente, jihad radica no conceito de «esforço». «Uma tradição [...] do Profeta, que regressava de uma campanha contra inimigos exteriores, distingue entre a "grande guerra santa" e a "pequena guerra santa", privilegiando a primeira como a luta que o homem trava com a sua alma em direcção ao Criador.»

O islamólogo francês Dominique Sourdel, por seu turno, refere que jihad não é um dever pessoal mas um «dever solidário», cuja concepção não foi fixada senão após a morte de Maomé. Ajihad não é, de um modo geral, considerada uma das obrigações fundamentais dos muçulmanos. Assumida como «guerra santa» por um número restrito de membros da Comunidade (Umma), ela deve ser dirigida contra «os povos infieis vizinhos do território do Islão», mas só depois de eles se recusarem à conversão. Em todo o caso, os judeus e os cristãos, na qualidade de Povos do Livro, gozam de um «estatuto privilegiado» e conservam o «livre exercício do seu culto». Lopes, Margarida Santos, op. cit., pág. 93.

[8] Idem. Ibidem.

[9] SHARI'A ou SHARIA (lê-se xâria, como Maria) é a lei do Islão ou o direito muçulmano. Baseia-se em «fontes directas» - o Alcorão; a Suna ou tradição religiosa; a ijma ou consenso da Comunidade dos Crentes; e as qiyas ou interpretação criadora/raciocínio por analogia - e em «fontes indirectas»: ijtihâd ou esforço de investigação pessoal que conduz a uma interpretação da lei; fatwa ou édito/decreto interpretativo/orientativo; e fiqh ou ciência jurídica. Lopes, Margarida Santos, op. cit., pág. 152.

[10] Maghraoui, Abdeslam, op. cit..

[11] RIDDA - após a morte de Maomé, eclodiu na Arábia uma guerra da ridda ou da apostasia. Muitas tribos julgaram que o seu contrato e contacto com o Islão terminara com o desaparecimento do Profeta. A maioria dessas tribos foi derrotada quando Abu Bakr sucedeu ao Mensageiro de Alá e se tornou no primeiro califa. Outras tribos que, no tempo de Maomé, não aderiram à nova fé foram forçadas à conversão. Margarida Santos, op. cit., pág. 141.

[12] KAFIR (plural kuffār) é uma palavra árabe que significa "rejeitar". Na doutrina islâmica, este termo, refere-se a uma pessoa que não reconhece Deus (Alá) ou a profecia de Maomé (ou seja, qualquer não-muçulmano), ou que esconde, nega, nem abrange a verdade. Em termos culturais, é visto como uma expressão depreciativa, usada para descrever os incrédulos, os não-muçulmanos, apóstatas do Islão, e mesmo entre os muçulmanos de diferentes correntes. É usual ser traduzido, como "ínfiel" ou "não crente". Cfr. Kafir, in Wikipedia, acessível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Kafir>, consultado em 25/05/2008.

[13] GHAZW ou Ghazah (plural ghazawāt) era originalmente um termo árabe, que se referia às batalhas em que o profeta Maomé participou. Desde então, tem sido associado ao combate associado à expansão do território muçulmano. Cfr. Ghazw in Wikipedia, acessível em

<http://en.wikipedia.org/wiki/Ghazw>,

[14] Maghraoui, Abdeslam, op. cit..

[15] De Arístegui, Gustavo, *La Yihad en España – la obsesión por reconquistar Al-Andalus*, Madrid, La Esfera de los Libros, 2005, pp. 291 a 295.

[16] SALAFIYYA: a doutrina do terror – A palavra árabe salafiyya (salafistas) tem adquirido uma série de significados culturais e religiosos ao longo dos anos. Deriva de outro termo árabe, aslaf (salaf no singular), que significa basicamente «antepassados» ou «predecessores». A referência a «antepassados» consta de um documento encontrado pela polícia federal norte-americana (FBI) na bagagem de Mohamed Atta, um dos piratas do ar suicidas que se fez explodir contra o World Trade Center, em Nova Iorque, e o Pentágono, em Washington, no dia 11 de Setembro de 2001. O texto de Atta não faz qualquer menção à política moderna - os salafistas querem regressar aos primórdios do Islão e imitar a primeira geração de muçulmanos. Apenas tem citações exactas do Corão - 19 em apenas quatro páginas. Os investigadores de pelo menos nove países que andam a perseguir militantes da organização terrorista de Osama bin Laden, Al-Qaeda, também têm encontrado uma conexão salafista em cada caso. Desde Dezembro de 2000, refere o diário britânico The Guardian, quatro grupos interligados foram identificados ou, parcialmente, desmantelados, além da célula de Hamburgo, que se crê estar envolvida nos atentados em Nova Iorque e Washington. Três grupos, com bases na Alemanha, Itália e Espanha, pertencerão ao GSPC. Este movimento, «absorvido pela Al-Qaeda», segundo um investigador, é dissidente do GIA, responsabilizado pelos mais terríveis massacres na Argélia. Na sua direcção está Hassan Hattab, ex-emir (comandante) da segunda região does) GIA. Hattab, assegura o The Guardian, fez parte da liderança que ordenou os sangrentos ataques terroristas cometidos em Paris em 1995. Uma quarta célula, também salafista, dirigida por Djamel Berghal, um franco-argelino preso no Dubai em Julho de 2001, teria recrutado activistas na França, Bélgica, Holanda e Grã-Bretanha. Terá emanado de um outro grupo envolvido na guerra argelina, Al-Tawfir wa al-Hijira (Excomunhão e Auto-exílio). Se ficar provada a ligação entre os salafistas e Bin Laden, será enorme o embaraço para a Casa de Saud, já que a família real tem investido grandes quantias de dinheiro na propagação destas ideias no estrangeiro. Refere o The Guardian que o principal «centro de estudo e exportação» do salafismo é a Universidade Islâmica de Medina, na Arábia Saudita, fundada pelo rei em 1961. O ensino nesta universidade é ultraconservador e muitos dos seus cinco mil alunos de 139 países deixam-se atrair por grupos extremistas quando se apercebem da contradição entre a vida modesta dos primeiros crentes e a opulência dos seus governantes. Além disso, depois de formados, muitos estudantes de Medina não têm acesso a outras profissões que não a de professores de religião. A historiadora argelina Séverine Labat precisa que a salafiyya combina elementos retirados dos escritos de Ibn Taymiyya, um teólogo do século XIII e de reformistas do século XIX, assim como da obra de Sayyid Qutb, o ideólogo da Irmandade Muçulmana egípcia, para reler politicamente a era idealizada por Maomé. A salafiyya também se inspira na corrente wahhabita, preconizando um regresso sem mediação às primeiras fontes do Islão, autorizando os crentes a fazer a sua própria interpretação dos textos «revelados». O «neo-salafismo», a que se refere Labat, defende uma estrita imitação dos gestos de Maomé, reproduzindo e impondo hábitos do Profeta, incluindo os detalhes mais ínfimos da vida quotidiana, como o uso da barba, da túnica e do turbante, ou fazer preceder o pé esquerdo do pé direito (que é impuro) para entrar em qualquer lugar. Do ponto de vista político, os «neo-salafistas» aspiram à edificação de um Estado islâmico e à restauração do califado, que vêem como garantia para o Islão derrotar o mundo ocidental. Os primeiros grupos salafistas foram os Sahaba (Companheiros), que realmente conheceram o Profeta, e os Tabi'un (Seguidores), a geração seguinte. Eles consideravam Maomé o paradigma do exemplo religioso a imitar. Paradoxalmente, Al-Salafiyya era também o nome de um movimento reformista egípcio cujos fundadores foram Muhammad 'Abdu e 'Al-Afghani. Eles tentaram, designadamente, identificar uma «via intermédia» entre os rígidos códigos do Islão e as ideias de uma sociedade moderna e secular. Lopes, Margarida Santos, op. cit., pp. 146-147.

[17] A SALAFIYYA JIHADIYA não é uma entidade terrorista, mas antes uma denominação, traduzida como “salafismo combatente”, que agrupa vários grupos originários de Marrocos e defendem a reconstrução do Califado, mas ao contrário da Justiça e Caridade acredita que este objectivo nunca será alcançado por meios pacíficos. Os líderes espirituais da Salafiya Jihadiya são os egípcios Sayyid Qutb e Omar Abdel Rahman, o clérigo jordano-palestino Abu Qatada e o próprio Bin Laden. Fundada no início dos anos noventa por voluntários marroquinos que regressavam do Afeganistão, a rede contou na sua origem com doze líderes, entre os quais se destacavam Mohamed Fezzani em Tânger, Omar el Hadduchi em Tetuán e Zakariyya Miloudi em Casablanca, este último considerado o chefe supremo do grupo. Ao longo da última década a rede foi consolidada através de recrutamento cuidadoso nos subúrbios das grandes cidades, criando células de três ou quatro activistas que começaram a receber treino militar em acampamentos de vários países. Cfr. Jesús, Carlos Echeverría, «El radicalismo islamista en el Magreb: desarrollos recientes de un terrorismo

persistente», in Grupo de Estudios Estratégicos, Colaboraciones nº 885, 7/04/2006, acessível em <http://www.gees.org/pdf/2345/>, consultado em 05/05/2008.

[18] MUJAHEDINé o plural, em árabe, de mujahid, ou seja, combatentes da jihad ou da «guerra santa». Diversos grupos islamistas atribuíram-se a si próprios a designação de mujahedin, sobretudo no Irão (o maior grupo de resistência armada ao regime chama-se Mujahedin-i Khalq ou Combatentes do Povo) e no Afeganistão. LOPES, Margarida Santos, Dicionário do Islão, Lisboa, Editorial Notícias, 1ª edição, Fevereiro de 2002, pág. 115. Fedayin é o plural, em árabe, de feday. Significa combatente disposto ao sacrifício de si próprio por uma causa. Ao contrário de outros guerrilheiros, como os iranianos e os afegãos que se autodesignam mujahedin, os palestinianos que iniciaram a revolta contra a ocupação israelita adoptaram para eles o termo fedayin. Talvez porque o carácter da sua luta fosse (inicialmente) mais laico do que islamista. Lopes, Margarida Santos, op. cit., pág. 67.

[19] Boukhars, Anouar, op. cit..

[20] Jesús, Carlos Echeverría, op. cit., acessível em <http://www.gees.org/pdf/2345/>, consultado em 05/05/2008.

[21] González, Marcos R. Pérez, «Nueva Percepción del Islamismo en el Magreb, está Europa Preparada Para Hacerle Frente?», in Grupo de Estudios Estratégicos, Colaboraciones nº 852, 20/03/2006, acessível em <http://www.gees.org/articulo/2273/>, consultado em 06/05/2008.

[22] Marret, Jean-Luc, «Les réseaux jihadistes marocains: entre devenir politique du Maroc et Europe», in Fondation pour la Recherche Stratégique, Paris, 20/10/2005, consultado em 07/05/2008, acessível em

[http://www.frstrategie.org/barreCompetences/terrorisme/reseaux\\_jihadistes\\_marocains.pdf](http://www.frstrategie.org/barreCompetences/terrorisme/reseaux_jihadistes_marocains.pdf).

[23] Guidère, Mathieu, Al-Qaida à la conquête du Maghreb – Le Terrorisme aux Portes de l'Europe, Monaco, Édition du Rocher, Agosto de 2007, pág. 187.

[24] Maghraoui, Abdeslam, op. cit..

[25] Cfr. De Arístegui, Gustavo, op. cit., pp. 296 a 297. Para mais informação cfr. A Year after Iraq War - Mistrust of America in Europe Ever Higher, Muslim Anger Persists, A Nine-Country Survey, The Pew Research Center for the People & the Press, Washington, 16/03/2004, acessível em

<http://pewglobal.org/reports/pdf/206.pdf>.

[26] Darif, Mohamed, El Grupo Combatiente Marroquí, Madrid, Real Instituto Elcano, Área: Defensa y Seguridad /Terrorismo Internacional, ARI nº 51/2004 edição de 23/3/2004, acessível em

<http://www.realinstitutoelcano.org/analisis/453/ARI-51-2004-E.pdf>, consultado em 05/05/2008.

[27] Idem, ibidem.

[28] Peshawar é uma cidade do Paquistão, capital da província da Fronteira Noroeste. Segundo Gustavo de Arístegui, Peshawar é a capital mundial do jihadismo. De Arístegui, Gustavo, op. cit., pág. 191.

[29] No mundo islâmico clássico, explica Fernando Branco Correia, do Gabinete de Estudos Árabes da Universidade de Évora, TALIB ou TALIBAN significa apenas «estudante». As terminações em -un, -an e -in são, em muitas situações, desinências de casos (respectivamente, nominativo, acusativo e genitivo - embora em plurais especiais -an sirva, em simultâneo, para acusativo e genitivo). Actualmente, a segunda forma aplica-se sobretudo aos estudantes de «ciências religiosas» ou de «teologia». A raiz de talib é T (enfático)-L-B e está relacionada com a acção de «pedir», «procurar» (a sabedoria, a verdade). Os taliban afegãos são um movimento que apareceu em 1994, no meio do caos e da guerra civil no Afeganistão. Provêm das escolas corânicas na fronteira com o Paquistão e o seu líder era o Mullah amar, um homem «tímido, reservado e sem carisma», segundo o definiu ao Público o jornalista Ahmed Rashid, da Far Eastern Economic Review. Omar, acrescenta o autor do livro Taliban: Islam, Oil and the New Great Game in Central Asia, «não é culto, não viajou, nem mesmo dentro do seu país, nunca visitou o Norte do Afeganistão, nem Herat, por exemplo. É homem de capacidades muito limitadas [...] escolhido para Líder dos Fiéis, entre 30, não pelas suas habilitações, mas pela sua religiosidade». LOPES, Margarida Santos, op. cit., pág. 158.

[30] Darif, Mohamed, op. cit..



[31] Mullah, é uma palavra que deriva do árabe mawla e significa «mestre». É usado como título de respeito por várias figuras religiosas e juristas no Irão e em algumas zonas da Ásia. Lopes, Margarida Santos, op. cit., pág. 115.

[32] Darif, Mohamed, op.cit..

[33] Idem, ibidem.

[34] Estes grupos aderentes ao salafismo jihadista, encaixam na categoria das “redes jihadistas de base”. Cfr. Ibáñez, Luís de la Corte, Jordan, Javier, La Yihad Terrorista, Madrid, Editorial Síntesis, S.A., 2007, pág. 185.

[35] Este predicador radical foi detido em Tânger, em fins de Maio de 2003, acusado de ser um dos teóricos do salafismo combatente. Foi posteriormente condenado a trinta anos de prisão, por ter inspirado os atentados de Casablanca, em 16 de Maio de 2003. Cfr. Pardo, Mauricio Rubio, Los terroristas de origen magrebí en el yihadismo internacional: su activismo en Europa y en el mundo, Instituto Universitario de Investigación sobre Seguridad Interior, Madrid, Janeiro de 2005, consultado em 02/05/2008, acessível em

<http://www.uned.es/investigacion/publicaciones/Cuadernillo%20Enero05.pdf>.

[36] Pardo, Mauricio Rubio, «Los terroristas de origen magrebí en el yihadismo internacional - su activismo en Europa y en el mundo», in Instituto Universitario de Investigación sobre Seguridad Interior - IUISI, Madrid, Informação nº 9, Janeiro de 2005, consultado em 15/05/2008, disponível em

<http://www.uned.es/investigacion/publicaciones/Cuadernillo%20Enero05.pdf>.

[37] Para mais informação cfr. Faria, José Augusto do Vale, «História Concisa do Terrorismo, Parte III», in Jornal de Defesa e Relações Internacionais, 28/03/2008, acessível em

[http://www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view\\_txt.asp?id=580](http://www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view_txt.asp?id=580).

[38] Para mais informação cfr. Faria, José Augusto do Vale, Nova era Jihadista no Magrebe, revistas da GNR “Pela Lei e Pela Grei”, Lisboa, n.º 75, pp. 45 a 55 e n.º 76, pp. 52 a 58, ambas de 2007, ou Jornal de Defesa e Relações Internacionais, 17/01/2008, acessível em

[http://www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view\\_txt.asp?id=546](http://www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view_txt.asp?id=546).

[39] Darif, Mohamed, op.cit..

## **70 TEXTOS RELACIONADOS:**

**2012/07/27**

### **O TERRORISMO JIHADISTA NA EUROPA: ALGUMAS TENDÊNCIAS SOBRE RADICALIZAÇÃO E RECRUTAMENTO[1]**

*Francisco Jorge Gonçalves[2]*

**2011/05/11**

### **A MORTE DE BIN LADEN E O FUTURO DA AL QAEDA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2011/02/06**

### **UM PAÍS EM ESTILHAÇOS[1]**

*Paulo Pereira de Almeida[2]*

**2011/01/10**

### **2010 FOI UM ANO PERDIDO[1]**

*Paulo Pereira de Almeida[2]*

**2010/12/27**

### **A POLÍCIA QUE NÃO PODE PRENDER[1]**

*Paulo Pereira de Almeida[2]*

**2010/12/12**

### **A WIKILEAKS INAUGUROU O TERRORISMO DIGITAL[1]**

*Paulo Pereira de Almeida[2]*

**2010/12/12**

## **AINDA OS BLINDADOS E O PORQUÊ DAS COISAS**

*João José Brandão Ferreira*

**2010/11/28**

## **SERVIÇOS SECRETOS, BLINDADOS E NATO[1]**

*Paulo Pereira de Almeida[2]*

**2010/11/15**

## **VENDER O PÂNICO[1]**

*Paulo Pereira de Almeida[2]*

**2010/11/08**

## **BLINDADOS DO “GOVERNO CIVIL DE LISBOA”. FALTA DE ESTRATÉGIA OU ESTRATÉGIAS OCULTAS?**

*Mário Machado Guedelha[1]*

**2010/10/31**

## **UMA MENTIRA NA SEGURANÇA[1]**

*Paulo Pereira de Almeida[2]*

**2010/09/19**

## **A “GREVE” DOS POLÍCIAS[1]**

*Paulo Pereira de Almeida[2]*

**2010/09/06**

## **O “VERÃO NEGRO” DA SEGURANÇA[1]**

*Paulo Pereira de Almeida[2]*

**2010/08/23**

## **A PRIVATIZAÇÃO DAS POLÍCIAS[1]**

*Paulo Pereira de Almeida[2]*

**2010/08/16**

## **PRIVACIDADE OU SEGURANÇA[1]**

*Paulo Pereira de Almeida*

**2010/07/26**

## **A (IN)UTILIDADE DA PJ[1]**

*Paulo Pereira de Almeida[2]*

**2010/07/13**

## **LIDERANÇA E SERVIÇOS SECRETOS[1]**

*Paulo Pereira de Almeida[2]*

**2010/07/12**

## **FORÇAS ARMADAS: INÚTEIS OU INDISPENSÁVEIS?[1]**

*Paulo Pereira de Almeida[2]*

**2010/07/10**

## **UMA POLÍCIA ÚNICA?[1]**

*Paulo Pereira de Almeida[2]*

**2010/05/03**

## **A ORGANIZAÇÃO DAS ACTIVIDADES PÚBLICAS EM ÁREAS DE DESASTRES NATURAIS POR MEIO DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS PRIVADOS**

*Fabrizio Bonela Dal Piero[1] (Brasil)*

**2010/04/28**

## **ENERGIA, UM TEMA CENTRAL DE SEGURANÇA E DEFESA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/04/09**

## **SEGURANÇA INTERNA VERSUS DEFESA**

*João Brandão Ferreira*

**2010/02/12**

## **PROPRIOCEPÇÃO POLICIAL E MILITAR: O SEXTO SENTIDO HUMANO APLICADO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO E DO TREINAMENTO EM SEGURANÇA PÚBLICA.**

*Fabrizio Bonela Dal Piero[1](Brasil)*

**2010/02/05**

**PROACTIVO AJUSTE MENTAL. POLICIAL E MILITAR**

*Fabrizio Bonela Dal Piero[1](Brasil)*

**2008/12/10**

**CRIME ORGANIZADO E TERRORISMO NO SAHEL**

*José Vale Faria[1]*

**2008/10/10**

**OS TALIBÃS DE VOLTA A CABUL**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/09/27**

**TENDÊNCIAS DO TERRORISMO JIHADISTA, SETE ANOS APÓS O 11 DE SETEMBRO**

*José Vale Faria[1]*

**2008/06/29**

**O TERRORISMO NO PERU E A UNIÃO EUROPEIA**

*Marcelo Rech[1] (Brasil)*

**2008/06/05**

**ISLAMISMO RADICAL E JIHADISMO EM MARROCOS (II PARTE)**

*José Vale Faria*

**2008/05/16**

**A FALTA DE CONTROLE DE BENS MILITARES NOS ESTADOS UNIDOS**

*Marcelo Rech (Brasil)[1]*

**2008/05/09**

**A AMEAÇA CINZENTA (II PARTE)[1]**

*José Vegar[2]*

**2008/05/08**

**A AMEAÇA CINZENTA (I PARTE)[1]**

*José Vegar[2]*

**2008/03/28**

**HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE III**

*José Vale Faria[1]*

**2008/03/27**

**HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE II**

*José Vale Faria[1]*

**2008/03/26**

**HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE I**

*José Vale Faria[1]*

**2008/03/16**

**EUROPA SOB UMA TRIPLA AMEAÇA DA AL-QAEDA**

*José Vale Faria [1]*

**2008/02/23**

**A IMPORTÂNCIA GEOESTRATÉGICA DO AFRICOM PARA OS EUA EM ÁFRICA**

*Luís Brás Bernardino[1]*

**2008/02/19**

**A IMPORTÂNCIA DA GEOPOLÍTICA DO TERRORISMO[1]**

*Tiago Alexandre Maurício*

**2008/02/16**

**O QUE HÁ DE NOVO NA “INTELLIGENCE?”[1]**

*Francisco Proença Garcia[2]*

**2008/02/07**

**O TERRORISMO SUICIDA FEMININO: O CASO DOS TIGRES TAMIL**

*Daniela Siqueira Gomes [1]*

**2008/01/18**

**A SEGURANÇA NUCLEAR NO PAQUISTÃO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/01/07**

**NOVA ERA JIHADISTA NO MAGREBE[1]**

*José Augusto do Vale Faria[2]*

**2008/01/06**

**CRIMINALIDADE ORGANIZADA, TERRORISMO E INTELLIGENCE NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO[1]**

*Fernando Silva Chambel[2]*

**2007/12/10**

**SEGURANÇA: VISÃO GLOBAL. A PERSPECTIVA DAS INFORMAÇÕES[1]**

*Jorge Silva Carvalho*

**2007/11/15**

**A IMAGEM PÚBLICA DAS FORÇAS ARMADAS NO QUADRO DAS SUAS MISSÕES**

*José Castanho Paes*

**2007/10/08**

**DOCTRINA TÁCTICA E ESTRATÉGICA NA GESTÃO DA ACTIVIDADE OPERACIONAL: A SEGURANÇA PESSOAL[1]**

*Luís Ribeiro Carrilho[2]*

**2007/09/11**

**FARC: TERRORISMO, BRAVATAS E MUITO DINHEIRO**

*Marcelo Rech[1]*

**2007/08/23**

**PAQUISTÃO: ESCOLHAS DIFÍCEIS**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/07/04**

**TERRORISMO EM LONDRES: SERVIÇOS SECRETOS EM ALERTA[1]**

*Fábio Pereira Ribeiro[2]*

**2007/06/20**

**O SISTEMA INTEGRADO DE SEGURANÇA INTERNA (SISI) E A SUA ARTICULAÇÃO COM O SISTEMA DE INFORMAÇÕES DA REPÚBLICA PORTUGUESA (SIRP)[1]**

*Jorge Silva Carvalho[2]*

**2007/06/15**

**SERVIÇOS SECRETOS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: FORÇAS DE BASTIDORES DA POLÍTICA INTERNACIONAL OU UM NOVO CAMPO DE ESTUDO PARA AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS? [1]**

*Fábio Pereira Ribeiro[2]*

**2007/05/18**

**GUERRA SUBVERSIVA NA WEB 2.0**

*Nuno Perry Gomes*

**2007/05/11**

**BRASIL E O CINISMO DAS FARC[2]**

*Marcelo Rech[1]*

**2007/02/24**

**COMO PODE SER CARACTERIZADA A ACÇÃO DA AL QAEDA NA MATRIZ DA GUERRA SUBVERSIVA (II PARTE)**

*Serrano, Custódio, Valente, Leal e Alves*

**2007/02/23**

**COMO PODE SER CARACTERIZADA A ACÇÃO DA AL QAEDA NA MATRIZ DA GUERRA SUBVERSIVA (I PARTE)**

*Serrano, Custódio, Valente, Leal e Alves*

**2007/02/07**



**O TERRORISMO TRANSNACIONAL – CONTRIBUTOS PARA O ENTENDIMENTO DA SUA ESTRUTURA, RECRUTAMENTO E FINANCIAMENTO. (II PARTE)**

*Francisco Proença Garcia*

**2007/02/06**

**O TERRORISMO TRANSNACIONAL – CONTRIBUTOS PARA O ENTENDIMENTO DA SUA ESTRUTURA, RECRUTAMENTO E FINANCIAMENTO. (I PARTE)**

*Francisco Proença Garcia[1]*

**2007/01/15**

**TERRORISMO[1]**

*Luís Sousa Leal*

**2006/11/23**

**LAS GUERRAS QUE NOS VIENEN**

*Miguel Fernández y Fernández [1]*

**2006/05/04**

**OS VOOS SECRETOS E A TORTURA NAS PRISÕES DA CIA**

*Marcelo Rech[1]*

**2005/10/21**

**TERRORISMO. ALGUMAS NOTAS SOLTAS**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2005/09/09**

**A ACTUALIDADE DE FUKUYAMA E HUNTINGTON**

*Pedro Carvalho*

**2005/08/01**

**OS ATENTADOS DE LONDRES (III)**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2005/07/22**

**OS ATENTADOS DE LONDRES (II)**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2005/07/10**

**OS ATENTADOS EM LONDRES**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2005/01/11**

**AS VITÓRIAS DA ALCAIDA**

*António Borges de Carvalho*

**2004/12/14**

**PORQUE É QUE O OCIDENTE ESTÁ A PERDER A GUERRA CONTRA O TERRORISMO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2004/07/21**

**A IMPORTÂNCIA DE UMA DEFINIÇÃO DE TERRORISMO**

*Ana Manuel Ferreira Malheiro de Magalhães*

**2004/02/28**

**A GUERRA GLOBAL DOS EUA CONTRA O TERRORISMO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2003/09/22**

**O NOVO TERRORISMO**

*ES*